

**ENTRE MESTIZAS E NEPANTLERAS: A AUTO-HISTÓRIA, DE GLORIA  
EVANGELINA ANZALDÚA, EM *BORDERLANDS/LA FRONTERA***

Carlos Vinícius da Silva Figueiredo (IFMS/UPM)  
Vera Lucia Harabagi Hanna (UPM)

**Resumo:** Na contemporaneidade, o contexto histórico-cultural e literário de grande produtividade nos Estados Unidos tem fomentado intensivamente as literaturas imigrantes, de identidades em trânsito, que proporcionou a criação de uma obra como *Borderlands/La Frontera: the new mestiza* (1987), de Gloria Evangelina Anzaldúa, envolvendo o surgimento de um rótulo em particular, como o de literatura chicana, resultante do solo cultural da fronteira México – Estados Unidos. Por conseguinte, o objetivo principal deste trabalho é analisar *Borderlands/La Frontera* nos aspectos do contexto sociocultural e da representação tematizados em sua narrativa, bem como a concepção de “autohistoria” enquanto representativo para a história de vida da escritora, ultrapassando os limites da biografia, tornando-se a história de seu próprio povo.

**Palavras-chave:** *Borderlands/La Frontera*; autohistoria; nepantla; new mestiza; pós-colonialismo.

I am a border woman. I grew up between two cultures, the Mexican (with a heavy Indian influence) and the Anglo (as a member of a colonized people in our own territory). I have been straddling that tejas – Mexican border, and others all my life. Hatred, anger and exploitation are the prominent features of this landscape. (ANZALDÚA, 2012, p. 18)<sup>1</sup>


“*I am a border woman*”<sup>2</sup>. Essa é a forma com que Gloria Anzaldúa se caracteriza no prefácio da primeira edição de seu livro *Borderlands/La Frontera*. Essa definição expõe, desde o início da obra, o *locus* cultural e enunciativo da autora chicana que procurou dar voz aos excluídos da sociedade. Este subcapítulo aborda questões referentes à biografia da escritora Gloria Evangelina Anzaldúa e o quanto essa biografia pode ser lida na narrativa de *Borderlands/La Frontera* como representante de sua autohistoria.

Gloria Evangelina Anzaldúa foi uma teórica chicana feminista, cujo trabalho deu voz às mulheres de cor (subalternas), no discurso dominante da academia. Mais especificamente, nas palavras de Bowen (2010):

---

<sup>1</sup> Tradução livre: Eu sou uma mulher da fronteira. Cresci entre duas culturas, a mexicana (com uma grande influência indígena) e a Americana (como um membro de um povo colonizado em nosso próprio território). Eu tenho me empenhado em tejas - fronteira com o México, e outras toda a minha vida. Ódio, raiva e exploração são as características proeminentes desta paisagem.

<sup>2</sup> Tradução livre: Eu sou uma mulher de fronteira.



[...] her writings on exile, homeland, feminism, and queer theory helped mark the entrance of Chicana women into the literature of communication studies. Anzaldúa's work has the potencial to help rhetoricians and social movement scholars become more sensitive to the struggles and implicit rhetorical theories of women of color. She also offers a connection between culture work, everyday acts of resistance, and larger structural change. (BOWEN, 2010, p. 4)<sup>3</sup>

Essa escrita social, evidenciada na produção de Anzaldúa, move a produção deste trabalho, no qual vida e obra se misturam formando um projeto intelectual que ultrapassou as fronteiras entre México-Estados Unidos.


Mulher, feminista, lésbica, chicana, ativista e escritora, Gloria Anzaldúa foi uma intelectual pública comprometida com seu tempo. Nascida no dia 26 de setembro de 1942, na cidade de Raymondville, Texas, EUA, a escritora é a sexta geração chicana de sua família. Filha de imigrantes mexicanos, viveu próximo à fronteira dos Estados Unidos e México, na cidade de Jesús Maria, passando sua infância em Rio Grande Valley, no Sul do Texas. Sua obra retratou a difícil missão de se estabelecer do outro lado da fronteira, criando um espaço cultural e político onde os indivíduos subalternos tivessem lugar e representação.

Assim, este trabalho tem como objetivo central refletir acerca da narrativa de *Borderlands/La Frontera*, e, em consequência, sobre os arquivos que compõem o material basilar para sustentar nossa tese de que a obra materializa um texto social, um documento cultural que retrata a vida dos seres que habitam as fronteiras. Catalogamos documentos publicados, documentos ainda inéditos no Brasil, notas, entrevistas, fotografias, capas do livro *Borderlands/La Frontera*, desenhos, imagens e manuscritos. Esses arquivos, aqui referidos, somados à obra *Borderlands/La Frontera*, constituem-se na *auto-história* da *mestiza e nepantlera*<sup>4</sup> Gloria Evangelina Anzaldúa. Ou seja, trata-se de materializar essas múltiplas identidades descritas na obra de Anzaldúa, aproximando-

---

<sup>3</sup> Tradução livre: [...] seus escritos sobre exílio, cidade natal, feminismo, e teoria *queer* ajudaram a marcar a entrada das mulheres Chicanas na literatura e estudos de comunicação. O trabalho de Anzaldúa tem o potencial de ajudar os teóricos e estudiosos de movimentos sociais a se tornarem mais sensíveis aos esforços e a retórica implícita nas teorias de mulheres de cor. Ela também oferece ligação entre trabalho de cultura, atos de resistência do dia-a-dia e uma grande mudança estrutural.

<sup>4</sup> O conceito de *nepantla* refere-se ao processo de transição de mundos, ato criativo e construção da identidade. Esta discussão será devidamente realizada no Capítulo III deste trabalho.



a, não apenas dessa escrita social, mas de uma história que represente muitas outras histórias por seu caráter único e múltiplo que a auto-história pode abarcar.

Anzaldúa foi uma “nepantlera”, termo que utilizou para descrever um tipo de trabalhador visionário cultural único. Segundo Keating (2006), trata-se daquele que navega por espaços limiars entre mundos, identidades e caminhos do conhecimento, a exemplo do movimento fluido entre o Inglês, o Espanhol e o Náhuatl; na escrita e aulas de Anzaldúa, tamanha era a inter-relação entre mundos e imagens que a autora utilizava para se expressar, uma espécie de travessia contínua para levar a mensagem desejada. Nessa relação direta entre palavra e imagem, Anzaldúa afirma que “[...] *an image is a bridge between evoked emotion and conscious knowledge; words are the cables that hold up the bridge. Images are more direct, more immediate than words, and closer to the unconscious*” (ANZALDÚA, 2012, p. 91).<sup>5</sup> Essa metáfora de Anzaldúa é de extrema relevância para esta pesquisa, pois tomou-se como ponto referencial a utilização dos arquivos de Anzaldúa, em especial, as imagens, para dar materialidade aos conceitos que aqui procura-se discutir.


Dentro desse contexto, a dimensão alcançada pelas palavras de Anzaldúa fez com que a fronteira começasse a ser (re)pensada a partir dos excluídos e marginalizados, pessoas que vivem o entre-lugar no seu conflito diário. Tal dimensão também propiciou aos próprios criadores das fronteiras visíveis e invisíveis<sup>6</sup> que voltassem seus olhares à realidade vivida até o momento naquele entre-lugar. Um entre-lugar geográfico, cultural, psicológico e de crenças destruídas.

Desse ponto de vista, ao tratar do quanto o livro *Borderlands* representa sua vida, Anzaldúa afirma que:

---

<sup>5</sup> Tradução livre: [...] uma imagem é a ponte entre a emoção evocada e o conhecimento consciente; palavras são cabos que sustentam a ponte. Imagens são mais diretas, mais imediatas que palavras e, mais próximas ao inconsciente.

<sup>6</sup> Aqui se faz referência aos governos e governantes que estabeleceram o processo de separação entre os povos e países, seja por meio de muros ou por legislações que segregam outras pessoas. Acerca desta questão, observam-se os seguintes textos jornalísticos: *Trump’s Immigration Order Tests Limits of Law and Executive Power*. Disponível em [https://www.nytimes.com/2017/01/30/us/politics/trump-immigration-muslim-ban.html?\\_r=0](https://www.nytimes.com/2017/01/30/us/politics/trump-immigration-muslim-ban.html?_r=0). Acesso em 08/03/17. *Trump Bars Refugees and Citizens of 7 Muslim Countries*. Disponível em [https://www.nytimes.com/2017/01/27/us/politics/trump-syrian-refugees.html?hp&action=click&pctype=Homepage&clickSource=story-heading&module=a-lede-package-region&region=top-news&WT.nav=top-news&\\_r=0](https://www.nytimes.com/2017/01/27/us/politics/trump-syrian-refugees.html?hp&action=click&pctype=Homepage&clickSource=story-heading&module=a-lede-package-region&region=top-news&WT.nav=top-news&_r=0). Acesso em 08/03/17. Ambos os textos evidenciam o movimento de fechamento e exclusão que os Estados Unidos passaram a reforçar a partir da nomeação do Presidente Donald Trump. Nesse sentido, as palavras de Anzaldúa ganham força e renovam a necessidade de se (re) discutir as interrelações, sejam sociais, culturais e econômicas nas fronteiras.



This book, then, speaks of my existence. My preoccupations with the inner life of the Self, and with the struggle of that Self amidst adversity and violation; with the confluence of primordial images; with the unique positionings consciousness takes at these confluent streams; and with my almost instinctive urge to communicate, to speak, to write about life on the borders, life in the shadows. (ANZALDÚA, 2012, p. 18)<sup>7</sup>

Essa citação revela como Anzaldúa expõe seus sentimentos e angústias vividas na fronteira — uma “vida nas sombras”, segundo ela mesma. Tais palavras, ditas no prefácio da primeira edição de *Borderlands/La Frontera*, preparam o leitor para uma narrativa que mistura a vida da autora e sua preocupação com o próximo.

Corroborando com essa discussão, a afirmação de John C. Hawley, em sua *Encyclopedia of Postcolonial Studies* (2001), ao apontar que Anzaldúa foi “uma ativista política, pois sua escrita se constituía em um movimento de encorajamento e transformação social”. Ainda segundo Hawley, ao editar antologias, Anzaldúa contribuiu para uma “consciência social, construiu comunhão e proporcionou um espaço de diálogo crucial para seu tempo”. Segundo o autor:


Anzaldúa provokes “others” to “decolonize” themselves. She deconstructs categories of fixed identities to encourage bridges across difference. She defines creative acts as forms of political activism and identifies the advantages of taking part in the culture by helping to build it, making space for the self and for others in an ongoing process.<sup>8</sup> (HAWLEY, 2001, p. 28)

Considerando a afirmação de Hawley (2001) de que Anzaldúa provoca as pessoas a se descolonizarem, o autor mantém diálogo direto com esta pesquisa, quando trata da necessidade de discutir sobre os seres subalternos sob uma nova perspectiva. Uma perspectiva que possibilite o diálogo e uma representação que parta, inicialmente, pelo ouvir a história do outro, assim como Anzaldúa pôde contar a sua história. Ao se referir “others”, como outros, Hawley abre espaço para se pensar naqueles que não estão

---

<sup>7</sup>Tradução livre: Este livro, então, fala sobre minha existência. Minhas preocupações com a vida interior, e com a luta do eu em meio à adversidade e violação; com a confluência de imagens primordiais; com os posicionamentos originais que a consciência leva a esses fluxos confluentes; e com o meu desejo quase instintivo de se comunicar, de falar, de escrever sobre a vida nas fronteiras, a vida nas sombras.

<sup>8</sup> Tradução livre: Anzaldúa provoca "outros" para "descolonizar" a si mesmos. Ela desconstrói categorias de identidades fixas para encorajar pontes através da diferença. Ela define os atos criativos como formas de ativismo político e identifica as vantagens de participar da cultura, ajudando a construí-la, fazendo o espaço para si e para os outros em um processo contínuo.



representados pelo *status quo*, para àqueles que estão nas margens e nas sombras, impelindo-os a se desconstruírem para alcançarem seus objetivos.

Continua Hawley (2001), mencionando que Anzaldúa desafia o discurso imperialista e que “[...] *Her articulation of the ‘borderlands’ (psychological, sexual, geographic, spiritual, linguistic, and theoretical) posits a border-crossing trope useful for theories of subjectivity.*”<sup>9</sup> (HAWLEY, 2001, p. 28) O autor assevera, durante seu texto, que Anzaldúa ao demonstrar a interpenetração de tantas fronteiras, a exemplo da ética, gênero, linguística, sexual e religiosa, expõe as forças políticas que constroem as fronteiras para dividir e conquistar àqueles menos empoderados.


Para Hawley (2001), o fato é que as fronteiras estão em estado de constante transição, o que, por sua vez, dá ímpeto aos movimentos de mudança social e identifica o processo contínuo de subjetividades múltiplas em um indivíduo. Nesse sentido, o texto de Anzaldúa contesta a noção filosófica ocidental de estabilidade, de sujeito unificado, e do discurso e voz autoritários assumidos pelo homem branco, que sempre separa os “outros” nas relações de poder.

A escrita de Anzaldúa expõe as complexas interrelações das múltiplas formas de opressão existentes no dia-a-dia daqueles que estão à margem da sociedade. *Borderlands/ La Frontera* contribui para a reflexão do conceito de mestiçagem, ou hibridização, e inscreve um movimento circular entre a mestiçagem de raças, gêneros, línguas, e a dicotomia de mente/corpo. Essas mestiçagens dividem os dualismos entre uma coisa ou outra, criando um terceiro elemento: a mestiza, resultado único que não é chicana nem mesmo americana, mas que carrega toda a força da língua chicana, das lésbicas e gays, da alma animal, da escrita que “faz cara” e materializa os seres que clamam por voz e respeito.

Assevera-se, por meio dos arquivos e repertório, que Anzaldúa nutriu as mulheres latinas com conhecimento e representação, possibilitando que, com suas produções, pudessem expor ao mundo suas reflexões, discussões e, acima de tudo, os seus testemunhos e auto-histórias que ultrapassaram as barreiras de seus lugares e se constituem, na contemporaneidade, como força motriz para que muitas outras pessoas possam contar suas histórias.

---

<sup>9</sup> Tradução livre: desafia os discursos normativos e imperialistas. Sua articulação das "fronteiras" (psicológica, sexual, geográfica, espiritual, linguística e teórica) postula um tropo de fronteira útil para as teorias da subjetividade.



Nota-se, nesse sentido, a existência de um projeto intelectual de Anzaldúa sobre sua ação enquanto chicana, homossexual, poetiza e nepantlera. A leitura de sua biografia, produção e manuscritos, entendendo seu contexto de produção, revelou uma escritora, ativista e professora que enfrentou temas importantes para a representação do povo chicano e *queer*, conduzindo-o durante todo seu percurso literário. No decorrer da análise dos arquivos e repertório, observou-se a contínua busca para dar voz à cultura chicana. Afirma-se, com isso, que Anzaldúa não se acomodou no lugar confortável da academia, posicionando-se como uma intelectual que procurou falar a verdade, ou melhor, a sua verdade ao poder. Observa-se, diante disso, a existência do projeto intelectual da escritora Gloria Evangelina Anzaldúa, pautado em escrever a partir das fronteiras/sombras e não sobre elas, materializando uma ativista que não se manteve nas sombras da fronteira, cujo papel público se fez presente.


Conclui-se que a escrita e produção de Anzaldúa está para além da letra, constituída por uma epistemologia agramatical que proporciona aos seus leitores pensar para além do colonialismo estabelecido, pensar fora do colonialismo e se dispor a se descolonizar. Nesse cenário, ao rasurar a letra do poder, do pensamento hegemônico, da cultura branca e xenófoba, Anzaldúa retoma o debate sobre o papel do intelectual na contemporaneidade, possibilitando uma autocrítica a partir de sua auto-história, em *Borderlands*. Não obstante, trazemos para a academia o debate cultural aplicado, tomando como ponto de partida o vivido e experienciado por tantas pessoas que, como Anzaldúa, estão expostas às precariedades da vida nas sombras das fronteiras reais, oficiais, invisíveis e visíveis de todo nosso continente.

### **Referências bibliográficas**

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. 4<sup>th</sup> edition. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

BOWEN, Diana Isabel. *Visuality and the Archive: The Gloria Evangelina Anzaldúa Papers as Theory of Social Change*. Tese de doutorado. f 199. The University of Texas at Austin, 2010.



KEATING, AnaLouise. From Bordelands and New Mestizas to Nepantlas and Nepantleras: Anzladúan Theories for social change. In: *Human Architecture: journal of the sociology of self-knowledge*. Volume IV. Ahead Publishing House, 2006, p. 5-16.

HAWLEY, John C. (Editor) *Encyclopedia of Postcolonial Studies*. Westport, Connecticut, London: Greenwood Press, 2001.